

AMADEU CUNHA.

Subsídios para apreciação da sua vida literária.

Pedro Vilas Boas TAVARES *

Nos mortos cultivamos a nossa solidão
Agustina Bessa-Luís

Ao ponderarmos o imenso legado de certas vidas de trabalho que cada um de nós conhece e admira, difícil é não nos deixarmos tocar pela surpreendente - mas frequente - falta de reconhecimento público e pelo rápido esquecimento a que as respectivas obras, marcantes num momento, são depois facilmente votadas. Trata-se de uma percepção bastante generalizada. Como noutras áreas, glórias e gloriolas no campo das letras são quase sempre efémeras e ilusórias... Todavia - também é certo - que se um legado é real, mesmo esquecido o nome do seu autor, ele pode continuar a produzir frutos no labor dos vindouros, anonimamente incorporado na criação cultural da massa de numerosos e inconscientes legatários...

No dia 12 de Novembro de 1963 os jornais davam notícia do falecimento do escritor e jornalista Amadeu Cunha. Na sua segunda página, acompanhando o retrato do extinto, o *Diário de Notícias*, onde fora também «colaborador distinto», lembrava os seus oitenta e cinco anos e enaltecia-lhe os méritos de uma longa e intensa vida literária. Todavia, hoje não vale a pena procurar o seu nome em «pequenos dicionários» e livros de divulgação... Não surpreende no entanto, minimamente, vê-lo referido - em discreta nota - numa obra do fôlego e da importância de *O Romantismo em Portugal*, de José-Augusto França¹. Com efeito, desde jovem e incipiente plumitivo na imprensa portuense, aos últimos escritos, urdidos na paz doméstica da sua biblioteca lisboeta, viveu uma dilatada vida, e nela, em vários momentos, conviveu com personalidades e movimentos marcantes da cultura portuguesa contemporânea, sendo o seu próprio percurso bio-bibliográfico - bastante representativo - susceptível de útil análise, pelos vários contributos informativos que pode fornecer às leituras dos contextos colectivos epocais em que se foi inserindo.

Amadeu Cunha nasceu em 1878, no seio de uma família da burguesia comercial da Invicta Cidade. Por sua mãe, aparentava-se com a família do pianista Joaquim de Freitas Gonçalves, de conhecidos comerciantes da Rua Formosa, e com os donos da «Casa Laporte», na Praça Nova, e seu pai, Eduardo Cunha, trabalhou com o cunhado, João Ferreira de Freitas Guimarães, num estabelecimento de família que, sito nesta mesma Praça, deitava as suas portas para a Cerca e para o Passeio das Cardosas: o *Armazém Central - modas e confecções*².

O romantismo conseguiu o "milagre" da associação estreita, no burgo, de comércio e poesia (por vezes com nefastíssimas consequências na felicidade pessoal e no regular curso dos negócios...)³, de modo que a Praça Nova ela própria se tornara berço de poetas⁴ e ponto de encontro e afirmação da nata de várias gerações literárias⁵. No início dos anos setenta a Praça era já o «grande mentidero do Porto»⁶, tendo-se

então convertido, no curto perímetro compreendido entre o *Guichard*, nos baixos do edifício dos congregados, e a livraria Moré, na esquina do Largo dos Lóios, no «ponto predilecto de reunião dos homens graves da política e do jornalismo, da alta mercância tripeira e dos *brasileiros*»⁷.

Nesta Praça Nova, Eduardo, pai de Amadeu Cunha, conviveu com os íntimos de Freitas Guimarães, frequentemente reunidos a um canto discreto do *Armazém Central* (nomeadamente Constantino Nunes de Sá, o visconde de Barreiros, Pinto Chaim, José Francisco Alves de Brito, o comendador Feiteira, o conde de Alves Machado e Celestino Prata), e conheceu uma selecta clientela, entre a qual se contou o destronado imperador do Brasil e Júlio César Machado, frequentador do estabelecimento sempre que vinha ao Porto⁸. Primo de Tomás Vieira Camacho, «brasileiro» de sucesso, as conversas, as influências e a habitual leitura de cartas de parentes, amigos e afins, embarcados para o novo mundo, contribuíam para manter em sua casa um *décor* no qual se expressava uma lógica de consideração pelo brasileiro benemerente e pelos novos titulados burgueses do liberalismo⁹.

A precoce inclinação literária de Amadeu Cunha ter-lhe-á vindo estimulada, sobretudo, deste seu meio social e familiar, particularmente, quando colegial, da frequência, em férias, da afrancesada Quinta da Formiga, em Vilar do Paraíso, do visconde de Proença Vieira, na qual residia uma prima sua, sorte de dama de companhia da viscondessa, onde se experimentou leitor de Herculano e lhe condicionaram algumas das primeiras escolhas de leitura¹⁰.

Como facilmente se reconhecerá, o Porto das últimas décadas do século XIX registava um vivaz movimento intelectual, patente, particularmente, num importante movimento associativo e numa intensa fermentação literária¹¹. Ora, a precocidade das primícias literárias de Amadeu Cunha, de Augusto de Castro e de outros escritores coevos, da mesma faixa etária, parece só ganhar plena inteligibilidade no quadro social da vida literária da cidade de então.

No mesmo ano de 1889, em que jovens e promissores estudantes ateavam em Coimbra a "rebelião" simbolista, com as revistas *Os Insubmissos* e *Bohemia Nova*, na *Invicta*, *Os Novos* de uma outra revista, «bando iconoclasta de antigas teorias», impellido «pela acção positivista do século», continuavam a declamar contra «os jesuítas» e as «teocracias» contemporâneas... Vinham «na revolução» mas não vinham «fazer uma revolução», limitando-se a sublinhar, nas tendas «levantadas dispersamente pelo imenso campo da verdade», os fulgores da «moderna Renascença» em curso¹². Com efeito, na expressão de Júlio Brandão, esses eram já tempos em que o naturalismo rompia a blusa¹³...

Ao lado de uma «nova» geração literária do Porto que frequentava as mesas do *Café Portuense* (depois *Suíço*) - Guilherme Braga, Custódio José Duarte, Ernesto Pinto de Almeida, Pedro de Lima, Alexandre da Conceição, José Dias de Oliveira... - ia-se esboçando uma outra «novíssima» geração, simbolista¹⁴. Neste contexto, numa ambiência de difuso decadentismo, arredando-se das normas habituais, rebeldes e iconoclastas, a cidade vê afirmar-se, em 1893, um grupo de «nefelibatas»¹⁵, sintonizado com uma geral admiração por António Nobre e pelo *Só*¹⁶, publicado em Paris no ano anterior. Na *Revista D' Hoje* (Porto, 1894), os irmãos Júlio e Raul Brandão consagravam os fundamentos desta nova atitude, e as polémicas literárias, suscitadas pelos novos livros simbolistas, extravasavam para o *Suíço* e para o *Camanho*¹⁷, cervejaria-restaurant, onde à noite se juntava um cenáculo de jovens poetas, assiduamente presidido por Guerra

Junqueiro, deste modo se sustentando «galhardamente, na Praça Nova, a tradição literária implantada pelo Guichard»¹⁸.

Em 1897, um outro grupo lança a revista *Os Livres*¹⁹, título significativamente epigrafado com um «*À quoi bon les règles?*». Na direcção desta revista estão Amadeu Cunha, então com 19 anos, seu fraternal amigo Augusto de Castro, ainda mais novo e a quem aquele dava a mão nos primeiros «vagidos literários»²⁰, e o poeta Óscar de Pratt²¹.

Neste mesmo ano os três integram a redacção d' *A Revista Litteraria*²², na qual Amadeu Cunha e Augusto de Castro assinam trabalhos emparceirando, entre outros, com colaborações de Teófilo Braga, Lopes de Mendonça, Augusto Gil, Olavo Bilac, Mayer Garção e do pintor Acácio Lino.

No número segundo d' *A Revista Litteraria*, Amadeu Cunha embrenhava-se em delicadas esferas, insurgindo-se contra certo burguesismo acomodaticio prevalecente na crítica de arte, ao mesmo tempo que chamava a atenção para o talento do futuro director artístico d' *A Águia*²³. No ano anterior, António Carneiro concluíra na Academia Portuense de Belas Artes o seu curso de pintura e estava agora de partida para Paris. Era então uma promessa, mas um desconhecido, pelo que o jovem crítico, sintonizando certamente com a aguda sensibilidade do pintor, expressa num gosto e num imaginário simbolista e crepuscular, apontava dedo certo ao futuro²⁴. Nos números seguintes (3, 4 e 5) era a vez de se manifestar a irreverência crítica de Augusto de Castro, particularmente flagelando o que ele considerava ser o tacanhismo intelectual de Fernandes Costa²⁵, enquanto Amadeu Cunha, numa prosa burilada e crua, continuava a publicar fragmentos de uma *Vita-Doloris* nos quais latejavam sentimentos de comiserção e protesto por aqueles seus semelhantes que em *bas-fonds* e trapeiras iam vegetando, à margem de toda a consideração e progresso social²⁶. Acompanhado da efigie do poeta, releve-se ainda, no 5.º número, um artigo altamente elogioso de António Feijó, assinado por Silva Campos, valorização significativa²⁷ em que esta revista aparece sintonizada com a *Arte*, dirigida por Eugénio de Castro e Manuel da Silva Gayo²⁸.

Amadeu Cunha e Augusto de Castro hão-de evocar saudosamente estes tempos de juventude, permitindo-nos, com essas evocações, compreender quanto o meio literário que frequentaram os estimulou.

Era Augusto de Castro estudante de Direito em Coimbra, e vindo de férias à sua cidade, encontrava-se às tardes, na Praça Nova, no *Camanho*, então frequentado por João Grave, Júlio Brandão, Joaquim Leitão e Eduardo D'Artayett, com os seus amigos Amadeu Cunha, António Patrício (que cursava então a Escola Médica), Rodrigo Solano e Justino de Montalvão. Travou também, nessa altura, relações de amizade «que nunca afrouxaram» com Carlos Malheiro Dias, natural do burgo e de idade próxima à de Amadeu Cunha. No Porto, haveria Augusto de Castro de dar os seus primeiros passos de advogado e dirigir dois jornais: o primeiro foi *A Província*, fundado por Oliveira Martins, o segundo *A Folha da Noite*, por ele próprio fundado, tinha então vinte anos²⁹.

Na companhia de Amadeu Cunha, por quem confessava «estima de irmão», frequentava Augusto de Castro - «quase imberbe» mas singrando já numa promissora carreira jornalística - as «tempestades líricas» do Teatro de S. João, onde os desempenhos das cantoras de ópera suscitavam por vezes ruidosos partidarismos. Nessas noites de ópera, além dos referidos Júlio Brandão, Joaquim Leitão, Eduardo d'Artayett e António Patrício, o leque de convivência alargava-se a Ricardo Malheiros, ao jovem ensafista Paulo Osório, ao escultor Teixeira Lopes, ao engenheiro António

Arroio, ao mestre de piano Ernesto Maia, a José de Figueiredo, então crítico de arte no *Janeiro*, e ao pintor António Carneiro, já devolvido à cidade³⁰.

Conheceram na sua padaria do Bonjardim e alguma vez terão consultado um dos homens mais consultados de Portugal em assuntos de cultura histórica e literária, portuense acessível e incontornável com «o seu amor à mesa de café, o seu revolucionarismo à Passos Manuel e o seu bairrismo impenitente»: José Pereira de Sampaio (Bruno)³¹. Variadas vezes terão visto passar a «*ramalhal figura*» na Praça Nova e, beneficiando das suas frequentes vindas ao norte e da solicitude do autor de *A Holanda* pelos jovens literatos, lograram mesmo o privilégio de conviver com essa lenda viva³².

Eleito deputado progressista, Augusto de Castro foi para Lisboa, transferindo as suas lides jornalísticas para o *Jornal do Comércio* e para *O Século*. Tinha à sua frente uma brilhante carreira literária e diplomática.

Depois de uma criativa e afanosa juventude, escoada nas tertúlias e redacções dos jornais do Porto, também Amadeu Cunha fixou residência em Lisboa, já que casou com D. Raquel Cerveira de Albuquerque e Castro, distinta senhora da capital. Não se afastou do jornalismo e os seus amigos continuavam a ser, predominantemente, jornalistas e escritores. Em 1910 Afonso Lopes Vieira oferecia ao seu «ilustre camarada» Amadeu Cunha, da mesma idade, consigo comungando de um nacionalismo neo-romântico geracional, um exemplar de *O Povo e os poetas portugueses* e outro do *Monólogo do Vaqueiro*, de Gil Vicente, por si vertido e adaptado do castelhano, com palavras de cordial estima e muita consideração. Entre outros títulos, Amadeu Cunha foi colaborador do *Diário de Notícias*, que Augusto de Castro viria a dirigir a partir de 1919, e em 1916 - até onde iria o seu demo-liberalismo de raiz familiar e tripeira? - sabêmo-lo redactor do *República*.

É de supôr que, à maneira de Augusto de Castro³³, durante a guerra, - no quadro de um temperado e liberal republicanismo, e em nome da «alma latina» e da latinidade - Amadeu Cunha tenha acompanhado «emotivamente» a causa que os aliados defendiam nas trincheiras, terçando armas contra a argumentação de sectores germanófilos portugueses. É todavia certo que, findo o conflito, nos países latinos, a ideia de *renascimento* que ia fazendo caminho, tendia a questionar e transcender o figurino demo-liberal, uma realidade entre nós prenunciada pela experiência sidonista e por uma intensa doutrinação integralista, contribuindo para que, naturalmente, muitos elementos das novas gerações intelectuais fossem desertando da república velha³⁴. Como de si próprio e de Hipólito Raposo disse António Sardinha³⁵, as letras conduziam estes jovens à política, e o seu nacionalismo, de estético, tornava-se político. Charles Maurras (cujo nome chegara a figurar entre os colaboradores da revista *Arte*) tornara-se importante suporte teórico deste sector restauracionista e, entre os intelectuais ligados à aventura da revista *Orfeu*, manifestava-se fascínio por Gabriele D'Annunzio (admirador de Junqueiro e Eugénio de Castro) e pelo vanguardismo de Marinetti: todos, afinal, punham então os olhos nas «revoluções nacionais» europeias, em busca de alternativa a uma alegada falência do sistema político vigente³⁶. Em 14 de Fevereiro de 1924 tinha início em Lisboa o II Congresso da Imprensa dos Povos Latinos, significativo evento para cuja realização contribuiu o entusiasmo de Augusto de Castro. Era então difícil separar o entusiasmo pela latinidade da geral simpatia com que, nos sectores nacionalistas, se acompanhava em Portugal a experiência italiana³⁷.

A crise política e económica da I República, a ameaçadora instabilidade internacional e o 28 de Maio, filho ainda de uma república ciosamente valorizadora dos desígnios coloniais de Portugal, conduziram à redefinição nacionalista do paradigma

colonial, de que o Acto Colonial de 1930 se tornou cristalização e símbolo³⁶. De formação demo-liberal, Amadeu Cunha, já ultrapassada a umbreira dos cinquenta anos e com créditos firmados no mundo do jornalismo³⁹, é um desses intelectuais que se identifica com as propostas «regeneradoras» do Estado Novo, nomeadamente na sua vertente ultramarina, integrando-se na correspondente «política do espírito».

Com Armindo Monteiro sobraçando a pasta das Colónias (1931-1935), a Agência Geral das Colónias, anteriormente criada, foi dotada de serviços e meios que lhe permitissem tornar-se um forte instrumento de propaganda e cultura ao serviço de uma mentalidade colonial renovada, no quadro do Estado Novo. Nessa estruturação de serviços, coube a Amadeu Cunha a chefia da Divisão de Publicações e Biblioteca, cujo labor pode ser calculado ao compulsarmos o *Catálogo Bibliográfico da Agência Geral das Colónias* (Lisboa, 1943), por si organizado, e onde se espelha a actividade de publicações da Agência até essa data.

Promovida pelo ministro Armindo Monteiro, em 1934 tinha lugar a *Exposição Colonial*, realizada no Porto, e começava a publicar-se *O Mundo Português*, revista destinada a contrariar «cépticos, desanimados e descrentes» de anteriores gerações e a mostrar «à larga mocidade das nossas escolas de aquém e além-mar» a certeza de que, vinda de glorioso passado, dispunha ainda «dos elementos precisos para construir próspero e prestigioso destino». Amadeu Cunha integrar-se-ia nesta dinâmica de mentalização imperial, para cujo êxito, desde 1933, cooperavam a Agência Geral das Colónias e o *Secretariado de Propaganda Nacional*

A partir de 1935, o nome de Amadeu Cunha passa a figurar, como colaborador, na «Colecção Pelo Império», da Agência Geral das Colónias, no mesmo ano e na mesma colecção em que Lourenço Cayolla publica *Sá da Bandeira*, Américo Pires de Lima publica *António Maria Cardoso*, e o capitão Henrique Galvão publica *Dembos*, sobre as campanhas militares de João de Almeida em Angola, na região dos Dembos e Mahungos⁴⁰. No decurso desse ano morre Lourenço Cayolla, professor da Escola Superior Colonial, que fora encarregado oficialmente de escrever uma pequena monografia sobre *António Enes*. Pelos seus méritos intelectuais e grande amizade consagrada ao autor, é Amadeu Cunha encarregado por aquela Agência Geral de coordenar e organizar o trabalho que o primeiro deixara incompleto⁴¹. Nesse mesmo ano e nesta colecção, Amadeu Cunha inicia a publicação de *Mousinho, grande capitão de África*⁴². Além dos *Mouzinhos* seguintes, em 1936 a série continuava com *Chaimite*, «obra intencionalmente apologética» escrita por Alfredo Pimenta, e com Eduardo de Noronha assinando *O explorador Serpa Pinto* e *Os exploradores Capelo e Ivens*. Se tal fosse necessário, nestes simples títulos poderia desde logo perceber-se que, na lição do passado, o novo regímen se via como depositário e concretizador de aspirações coloniais que vinham da monarquia constitucional...

Em 1937 a Agência Geral das Colónias leva a efeito uma *Exposição Histórica da Ocupação* e promove o filme com este mesmo título, de António Lopes Ribeiro⁴³. No segundo volume do *Catálogo* desta exposição, Amadeu Cunha assina *Luta contra os negreiros*, breve narrativa da época agitada em que Sá da Bandeira, contra a corrente dos interesses criados, se empenhou na sua campanha abolicionista.

Com outro fôlego, em 1938 Amadeu Cunha publica um dos seus mais belos livros: *Jornadas e outros trabalhos do missionário Barroso*⁴⁴. Figura aureolada de prestígio, pela notável acção missionária e pastoral em África e na Índia e pela forma serena e desassombrada como na Diocese do Porto enfrentara o anti-clericalismo persecutório da I República⁴⁵, a

vida de D. António Barroso podia ser vista como a concretização do ideal de dilatação da Fé e do Império. Não se julgue, no entanto, neste caso, que é necessária especial prevenção ao leitor incauto contra cânones apologéticos e hagiográficos; o sentido nacional e pedagógico da obra resulta dos estados de espírito provavelmente induzidos por uma sua leitura de conjunto, mas não se constrói a expensas de documentação menos segura ou de uma informação menos exacta.

Em 1939 publica outro título na «Colecção Pelo Império»: *Nas vésperas da Descoberta* (1481-1486). Mais uma obra de divulgação que não seria possível sem a aturada reflexão pessoal e a maturidade estilística do autor. Demonstrando familiaridade com fontes e estudos de especialistas a quem cita, numa prosa escorreita e impressiva, Amadeu Cunha reconstitui com beleza formal, sinteticamente, - é verdadeiramente mestre na arte de fazer síntese - as circunstâncias em que decorrem as explorações marítimas do reinado de D. João II, anteriores à dobragem do Cabo da Boa Esperança. Duas oportunas citações da *Mensagem* de Fernando Pessoa harmonizam-se com o clima épico que se quer fazer reviver. Apesar das circunstâncias em que fora premiada no concurso literário do Secretariado de Propaganda Nacional de 1933-1934, a *Mensagem* era já assumida, pelo seu significado «poético e nacional», como «a epopeia da modernidade portuguesa»⁴⁶.

A *Exposição do Mundo Português* e as festas do duplo centenário (1940) vieram - naturalmente - exigir redobrado empenhamento ao chefe da Divisão de Publicações e Biblioteca da Agência Geral das Colónias⁴⁷; a agência iniciou então, nomeadamente, uma «Colecção do Ciclo dos Centenários», na qual se publicaram importantes estudos e fontes sobre a história ultramarina portuguesa, como a *História das Guerras Angolanas*, de António de Oliveira Cadornega, e um notável conjunto de roteiros e fontes respeitantes às viagens e aos conhecimentos náuticos dos portugueses, como a *Prática da Arte de Navegar*, do mestre de pilotagem Luís Serrão Pimentel.

Para além do expediente ordinário da chefia da Divisão de Publicações e Biblioteca, Amadeu Cunha continuou - cumulativamente - a fornecer à Agência novos livros para edição. Assim, em 1944, refundindo e enriquecendo substancialmente materiais reunidos aquando da publicação de 1935, publica *Mouzinho, a sua obra e a sua época*⁴⁸, uma obra que, refrescada e reestruturada, voltaria a publicar em 1956, na vigência já da Agência Geral do Ultramar⁴⁹.

Em 1945 a Agência Geral das Colónias publica outro trabalho de Amadeu Cunha, desta feita, por razões pessoais e familiares, escrito com um sentimento muito particular de enraizada simpatia pelo tema e uma clara sintonia com o Gilberto Freyre de *Casa Grande & Senzala: Sertões e fronteiras do Brasil. Notícia da época colonial*. O autor, «fiel a si próprio», não ambicionou levantar «os olhos a píncaros», e conservando-se «à raiz das colinas», teve sobretudo em vista «ferir as imaginações, a ponto que elas pudessem recriar, no seu plano, figuras e sucessos de cada narrativa», tratando de contar, cinematograficamente, «como foi feito o Brasil»⁵⁰. Este empenho, o envolvimento afectivo do autor e a sua habitual limpidez de estilo conseguiram o mais difícil neste género de obras: um livro de leitura atractiva, aligeirado de erudição, mas sem perda de valor informativo nem ocultação de fontes, capaz de manter ao mesmo tempo interessado nas suas páginas o estudioso e o leitor comum.

Duas comemorações suscitam duas pequenas publicações de Amadeu Cunha em 1946: ao V Centenário da *Descoberta da Guiné* dedica um opúsculo, belíssimamente executado, concebido de forma a interessar leitores, bibliófilos e filatelistas, e ao

centenário do nascimento de Serpa Pinto dedica *Serpa Pinto e o apelo de África*, um outro cuidado texto de divulgação, em sessenta páginas condensando a evocação da vida aventurosa deste explorador.

Em 1951 continua a escrever do seu posto, na desde então designada Agência Geral do Ultramar. Promovendo a Agência, nesse ano, uma *Exposição de Arte Sacra Missionária* nos claustros dos Jerónimos, Amadeu Cunha entende publicar umas «notas» a propósito deste evento, sob o título *Ano Santo, Arte e Missionação*³¹. Em 1954 pequena "reincidência" de notas brasileiras: *S. Paulo e sua estrepitosa História*³². E às portas duma sua primeira remodelação - em 1957 - a instituição continuava a contar com a colaboração do escritor, agora quase octogenário³³.

A dedicação de Amadeu Cunha aos problemas africanos conduziu-o ainda a uma outra esfera de compromissos e responsabilidades no seio do regímen: foi administrador, por parte do governo, das Companhias da Zambézia e de Moçamedes.

Com este percurso, nenhum galardão lhe seria mais devido do que a Ordem do Império, com que foi agraciado.

NOTAS

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ Livros Horizonte, Lisboa, 1993, pp. 556 e 570.

² Cf. «O Tripeiro», V Série, Ano VII, n.º 1, 5 de 1951, *Comunicações dos Leitores*, CXL, pp. 23 e 24 e *ibid.*, n.º 2, 6 de 1951, p. 47. João Ferreira de Freitas Guimarães faleceu solteiro. Uma sua irmã, Maria de Jesus, casou com Giovanni Pecorelli, um napolitano, tenente de infantaria das hostes de Garibaldi e filho do juiz de direito Luigi Pecorelli; estabeleceram-se no Porto, com negócio de especiarias, na casa que denominaram *Casa Confiança*, onde viria mais tarde a ser a camisaria do mesmo nome (cf. SANTOS, Domingos Martins de Oliveira - *Campanhã - Vidas trabalhosas*, in «O Tripeiro», V Série, Ano VI, n.º 2, 6 de 1950, pp. 37-38, com as correcções feitas nos números anteriormente indicados).

³ Cf. PIMENTEL, Alberto - *O Porto há trinta anos*, Porto, 1893, pp. 135 e 136; cf. BASTO, Artur de Magalhães - *Figuras literárias do Porto*, Liv. Simões Lopes, Porto, 1947, pp.110-111; estes autores, além dos casos de Faustino Xavier de Novais, Soares de Passos e Guilherme Braga, evocam os de Joaquim Pinto Ribeiro, filho de droguista, António Pinheiro Caldas, mercador de panos, Dias de Oliveira, lojista de ourivesaria, e João Marques Nogueira Lima, editor e director da «Grinalda», ourives.

⁴ PIMENTEL, Alberto - *A Praça Nova*, ed. da Renascença Portuguesa, Porto, 1916, p. 176, a propósito de poetas que nasceram em prédios confinantes com este espaço público, começa - naturalmente - por evocar António Augusto e Custódio Soares de Passos, filhos do «droguista da Praça Nova», e lembra os casos de José Frutuoso Aires de Gouveia Osório, António Aires de Gouveia e D. Ana Augusta Plácido.

⁵ Cf. PIMENTEL, Alberto - *A Praça Nova*, ed. cit., pp. 173-179, 201-213, 248-250.

⁶ PIMENTEL, Alberto - *O Porto há trinta anos*, ed. cit., p. 228.

⁷ BASTO, Artur de Magalhães - *O Porto do Romantismo*, Coimbra, Impr. da Universidade, 1932, p. 42.

⁸ Cf. «O Tripeiro», V Série, Ano VII, *Comunicações dos Leitores*, CXL, n.º 1, 5 de 1951, p. 23

⁹ Cf. CUNHA, Amadeu - *Memórias. Do «Brasileiro» e seus críticos*, in «O Tripeiro», V Série, Ano VIII, n.º 2, 6 de 1952, pp. 48-51

¹⁰ Cf. CUNHA, Amadeu - *Memórias. Certa quinta, seus senhores e outra vária figuração*, in «O Tripeiro», V Série, Ano VII, n.º 2, 6 de 1951, pp. 28 -30

¹¹ Cf. SILVA, Augusto Santos - *O Porto em busca da Renascença (1880-1911)*, in «Penélope», n.º 17, 1997, pp. 51-69; SANTOS, Alfredo Ribeiro dos - *O Porto nos movimentos literários do fim do Século*, «O Tripeiro», 7ª série, ano XVII, n.º 7-8, 8-9 de 1998, pp. 264-267.

¹² Bastava-lhes, por então, evocar «o lábaro insurrecto» erguido por Balzac, Flaubert, Goncourts, Zola, Baudelaire, Eça, Junqueiro e Cesário... Cf. *Os Novos. Revista de Literatura*, Porto, Imprensa Internacional, 1889, n.º 1, pp. 1 e 2. Além dos redactores indicados na capa - Domingos Guimarães, Horácio d' Araujo, Serafim Loureiro e Vital Oudinot -, colaboravam neste número Firmino de Vilhena, Manuel de Moura, Eduardo d' Artayett, João Diogo e Augusto de Mesquita.

¹³ *Pharmacia Pires*, Porto, Livraria Chardron, 1896, pp.V-VI. Vale a pena reter algumas outras imagens com que o autor aqui logra magistralmente sintetizar a força das transformações estéticas então em curso no país: «Nas leivas da Arte cahiram sementeiras novas, que o vento do norte trazia nas fortes azas, e que vão germinando em maravilhas. O barro da fôrma amoldou-se admiravelmente às mais difíceis e exquísitas maneiras, aos baixos relevos mais raros, às composições mais inéditas - porque a mão do artista amassava-o e afagava-o com uma liberdade e uma força dominadora e ágil».

¹⁴ PIMENTEL, Alberto - *A Praça Nova*, ed. cit., p. 201.

¹⁵ Cf. FRANÇA, José-Augusto - *op. cit.*, p. 556. Sobre «Os Nefelibatas» cf. BRANDÃO, Júlio - *Galeria das sombras*, Civilização Ed., Porto, s/d., pp. 59-66.

¹⁶ Esta admiração do Porto literário por Nobre e pelo Só patenteia-se, nomeadamente, de forma expressiva, em *Preto no Branco*, *Revista Semanal Ilustrada*, Ano I, n.º 1 (23/2/1896).

¹⁷ BRANDÃO, Júlio - *Galeria das sombras*, ed. cit. p. 63.

¹⁸ PIMENTEL, Alberto - *A Praça Nova*, ed. cit., pp. 248-249.

¹⁹ Com redacção na Livraria de Souza Brito & C.ia - Editores, Rua do Almada, 104 a 114, Porto.

²⁰ A expressão é do próprio Augusto de Castro que, num discurso por ocasião do centenário do *Diário de Notícias*, na homenagem que a si e ao jornal promoveu a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, teve ocasião de evocar as circunstâncias da sua distante iniciação literária, no Porto, com catorze anos feitos (cf. «Diário de Notícias» de 11/11/1964, p. 7). Com dezasseis anos escreveu o seu primeiro livro - *Religião do Sol (Prosas Rusticas)* - exprimindo, por ocasião da publicação (Coimbra, França Amado, 1900), os seus sentimentos de afectuoso reconhecimento a Amadeu Cunha (cf. TAVARES, Pedro V. B. - *A propósito da "Religião do Sol"*, in «O Primeiro de Janeiro», 20/3/1985, em *Das Artes / Das Letras*, p. 16).

²¹ Óscar de Pratt publicava neste Fasc. I o poema *Alma exangue*, dedicado a Amadeu Cunha; Gonçalves Cerejeira colaborava também com o poema *Tysica*, e, às pp. 13-18, Amadeu Cunha fazia sair um texto seu intitulado *A morrer d'amor*, fragmento de *Vita-Doloris*, livro «em preparação» que, apesar duma insistente atenção dispensada, não chegou - que saibamos - a ser publicado. Nesta altura já Óscar de Pratt se teria tornado amigo do "imberbe" Augusto de Castro. Conta-nos este («Diário de Notícias» de 11/11/64, p. 11) que, por causa de certo agravo estampado num jornal de Viana, o escritor minhoto o desafiara para duelo, mas ao saber a sua verdadeira idade, resolvera, em vez disso, fazer-lhe chegar uma caixa de chocolates...

²² O 1.º número desta revista saiu em 1 de Janeiro de 1897, ostentando como director artístico Ernesto de Meirelles e como directores literários Carvalho e Mello e Pereira de Lemos; a redacção e administração eram na Rua de S. Lázaro, 165, Porto, e a editora era a Galeria Bijou de Alfredo Navarro d'Andrade, Rua dos Caldeiros, 24, Porto. A revista pretendia então ser bi-mensal; nesta estreia publicava-se um trabalho de Júlio de Lemos, datado de Viana, de 1894. A partir do n.º 3 (Maio de 1897) a revista passou a mensal. No 2.º número (15/1/1897) indicava-se como depositária a Livraria de Souza Brito & C.ia, na Rua do Almada, nova sede da redacção e da administração, mas o número duplo (4 e 5) já indicava outra sede, na Rua de Cimo de Vila, 73, Porto, e outro director artístico, Vasco Ferreira.

²³ Cf. *Carneiro Junior*, p. 23. Neste número vem o seu retrato feito por Acácio Lino.

²⁴ Como nos foi recentemente lembrado, só a partir da década de 10-20 o pintor «encontrou o clima propício ao exercício pleno da sua actividade», tendo a sua primeira exposição individual tido lugar no Porto em 1901 (ALMEIDA, Bernardo Pinto de - *Pintura Portuguesa no Século XX*, Lello Ed., Porto, 1996, p. 69).

²⁵ Cf. *A crítica entre nós*, «Revista Litteraria», n.º 3, pp. 36 e 37; continuação no n.º 5, pp. 73-75.

²⁶ Começada a publicação em «Os Livres» (cf. supra nota 10), novos fragmentos, publicados sob o título *A Carne*, nos números 3 e 4 desta revista, davam conta da atribulada vida de uma prostituta que, a páginas tantas, se amancebara com um homem da capital.

²⁷ Cf. BELCHIOR, Maria de Lourdes - *Os Homens e os Livros*, II, Ed. Verbo, Lisboa, 1980, pp. 115-117.

²⁸ Nesta *Revista Internacional* (1895-1896), atente-se, no n.º 2, à publicação da *Canção do exílio*, de António Feijó.

²⁹ Cf. «Diário de Notícias» supra cit. de 11/11/1964, pp. 7 e 11.

³⁰ CUNHA, Amadeu - *Mesinas*: O "S. João", nas seus últimos e grandes tempos, in «O Tripeiro», V Série, Ano VI, n.º 12, Abril de 1951, pp. 270-271. Além de evocar este grupo, o autor lembra outras individualidades que então, com regularidade, encontrava no S. João: o caricaturista Manuel Monterroso, os médicos Eduardo Fimenta, João Novais, Félix de Magalhães, Eduardo de Sousa e Júlio de Araújo, o jornalista e professor Álvaro de Castro Neves, António Viana, Luís Costa, Jaime Valado e o Major Amiscado, da polícia.

³¹ CASTRO, Augusto de - *O Jure do mex cigarre*, Santos & Vieira Ed., Lisboa, 1916, pp. 189-193.

³² Além do «Diário de Notícias» supra cit. de 11/11/1964, p. 7, cf. CASTRO, Augusto de - *op. cit.*, pp. 179-183.

³³ Cf. *O Jure do mex cigarre*, ed. cit., 1916, pp. 95-99.

³⁴ Cf. LEAL, Ernesto de Castro - *António Ferré, Espaço Político e Imaginário Social*, Ed. Cosmos, Lisboa, 1994, pp. 157-166.

³⁵ *As rimas da ampalheta*, Lisboa, 1978, p. 149.

³⁶ Cf. MORGADO, Raúl - *Fernando Pessoa e as «Resoluções Nacionais»*, Ed. Caminho, Lisboa, 1997.

³⁷ LEAL, Ernesto de Castro - *op. cit.*, pp. 49-50.

³⁸ Cf. ROSAS, Fernando - *Estado Novo, Império e Ideologia Imperial*, in «Revista de História das Ideias», Vol. 17 (1995), pp. 19-32. O forte centralismo metropolitano consagrado no Acto Colonial, e reflectido na Carta Orgânica do Império Colonial Português e na Reforma Administrativa Ultramarina de 1933, suscitou também - naturalmente - oposições. Sobre esta matéria cf. SILVA, Armando B. Malheiro da - *Nortas de Matos e a oposição à política colonial de Salazar*, in «Revista de História das Ideias», Vol. 17 (1995), pp. 349-404.

³⁹ Além de muitas colaborações dispersas nos jornais, traduziu para o teatro *A Virgem Leasa*, de Henry Bataille, e *A Psia*, de Victorien Sardou. Em 1938, Marcelo Caetano ofereceu-lhe, com dedicatória, um exemplar de *O Sítio da Coprativa*.

⁴⁰ Realizados tecnicamente pela Editorial Ática, estes livros, de belo aspecto gráfico, 20x17cm, não excedendo as oitenta e tantas páginas, procuravam ser leitura acessível e atractiva a um público medianamente culto.

⁴¹ Cf. CAYOLLA, António - *António Ezra*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1936, p. 5.

⁴² I e II, 1935; III e IV e V, 1936. Em 1934 a Agência Geral das Colónias publicara *Mozambique*, terceira edição da obra de Mouzinho de Albuquerque, primeira vez publicada em Lisboa, pela Livraria Gomes Ed., 1899. Em 1935 a Agência Geral das Colónias promoveu, no seu próprio edifício, uma exposição comemorativa do 40.º aniversário do feito de Chaimé, publicando o respectivo catálogo (*Catálogo da Exposição de Mouzinho de Albuquerque*, 1935).

⁴³ TORGAL, Luís Reis - *Cinema e propaganda no Estado Novo*, in «Revista de História das Ideias», Vol. 18 (1996), p. 363. Como é sabido, por ocasião desta exposição, realizou-se o «Congresso da História dos Portugueses no Mundo»; as comunicações apresentadas, em dez volumes, foram publicados pela Agência em 1938.

⁴⁴ Lisboa, Agência Geral das Colónias, in 4.º de 218 pp., incluindo seis fotografias do biogralado.

⁴⁵ Sinal do impacto unânime desse prestígio, pela sua data e conteúdo lembre-se a impressionante evocação que Júlio Dantas faz d' *O Bicho de Paris em Espadas e Rosas*, Lisboa, 1919, 2.ª ed., pp. 135-140.

⁴⁶ *Catálogo Bibliográfico da Agência Geral das Colónias*, Lisboa, 1943, p. 155.

⁴⁷ A este propósito compulse-se *Contribuição Cultural da Agência Geral das Colónias nas Comemorações Centenárias, 1941, com Antelóquio de Júlio Cayolla, Agente Geral das Colónias*.

⁴⁸ Lisboa, Agência Geral das Colónias, in 4.º, 445 pp.

⁴⁹ *Mouzinho - Acção, Pensamento, a Época*, in 4.º, 276 pp.

⁵⁰ Advertência, p. 7.

⁵¹ Separata do n.º 318 do «Boletim Geral do Ultramar»; 19 pp.

⁵² Separata do n.º 344 do «Boletim Geral do Ultramar»; 18 pp.

⁵³ Cf. supra citado *Mouzinho*, de 1956.



Amadeu Cunha (em primeiro plano), com funcionários da Divisão de Publicações e Biblioteca da A.G.U.